

O Aparelho Estado: E a Geopolítica da Crise

Zeno Soares Crocetti
Professor de geografia na UNIBEM

Resumo:

Esse texto discute a idéia de como Marx entendia o Estado Burguês, como uma instituição a serviço da classe dominante, ou seja, a burguesia. O Estado gerado pelo modo de produção capitalista visa, na teoria de Marx, validar a exploração da mais-valia "legalmente" e manter a lei de propriedade privada. Para isso, conta com aparatos de diversos tipos, como a política, os tribunais e as forças da repressão, como o exército e as polícias. Portanto, o Estado é uma instituição a serviço da burguesia, para manter, validar e proteger seus interesses, que nada mais são que o lucro, a propriedade e a exploração do trabalho assalariado.

O Estado é para **Marx** uma *estrutura de poder* que concentra, resume e põe em movimento a força política da classe dominante, essencialmente uma máquina destinada a reprimir a classe oprimida e explorada. Para **Engels** a força de coesão da sociedade civilizada é o Estado, que, em todos os períodos típicos, é exclusivamente o Estado da classe dominante e, de qualquer modo, essencialmente uma máquina destinada a reprimir a classe oprimida e explorada.

O Estado é, também, uma *organização burocrática*, isto é, um conjunto de instituições e organismos, ramos e sub-ramos, com suas respectivas burocracias, cuja função é cumprir a tarefa (*da dominação*) através do jogo institucional de seus aparelhos. A questão decisiva é saber precisamente *como*, em quais condições historicamente dadas, o Estado desempenha a função de reproduzidor das relações (econômicas e políticas) de classe.

Hoje essa formulação neoliberal do centro do capitalismo, do imperialismo se mostrou uma farsa, uma fraude com a Crise Geral do Sistema em 2008, e agonizou lentamente a te ser eliminada da história.

No Manifesto Comunista Marx e Engels já alertavam que não podemos falar de nação sem falar de luta de classes, pois a nação nada mais é do que o espaço concreto onde as contradições do capitalismo se manifestam de maneira mais evidente é onde ocorrem os embates entre as forças políticas e sociais que defendem os interesses da classe dominante e da classe trabalhadora.

As mudanças que estão ocorrendo na América Latina nos obrigam a desenvolver uma nova reflexão sobre velhos problemas, tais como a questão nacional e a questão democrática, os desafios da transição socialista, os limites, possibilidades, conteúdo e real significado de um programa democrático e popular na atual conjuntura, etc.

Palavras chave: Estado, Geopolítica, Crise, Luta de Classes e Economia Política.

The State Apparatus: And the Geopolitics of Crisis

abstract

This text discusses the idea of how Marx believed the bourgeois state, as a the institution of the dominant class service, i.e. the bourgeoisie. The State generated by the capitalist mode of production is intended, in the theory of Marx, validate the from exploitation "legally" and keep the law of property private. To this end, the necessary account of various types, such as policy, the courts and the forces of repression, as the army and the police. Therefore, the State service is an institution of the bourgeoisie, maintain, validate, and protect your interests, which are nothing more, profit and property employee labour exploitation.

The State is for a *Marx power structure that concentrates, summarizes and rotates the dominant political force, essentially class a machine designed to suppress the oppressed and exploited class. For Engels the strength of cohesion of civilised society is the State, which, in all periods typical is the dominant class status and, in any event, essentially a machine designed to suppress the oppressed and exploited class.*

The State is also a bureaucratic organisation , *i.e. a set of institutions and agencies, branches and sub-branches, with their respective bureaucracies, whose function is to fulfil the task (domination) through game institutional appliances.* The decisive question is whether precisely *as*, in what conditions historically given, the State plays the role of the player (economic and political relations) class.

Today this formulation neoliberal capitalism, Center of imperialism was a farce, a fraud with the general crisis in 2008, system and slowly te be died deleted from history.

In the Communist Manifesto Marx and Engels have alertavam that cannot speak without talking about nation fight classes, because the nation is the concrete space where contradictions capitalism arise more evident is where collisions occur between political and social forces that defend the interests of the class dominant and working class.

Changes that are occurring in Latin America oblige us to develop a new reflection on old problems, such as the national and democratic issue, Socialist transition challenges, opportunities, limits, and actual content meaning of a democratic and popular program on the current situation.

Key words : *State, Geopolitical, crisis, class struggle and political economy.*

Introdução

"As nações não possuem amigos permanentes ou inimigos permanentes, possuem somente interesses permanentes".

"O inimigo do meu inimigo é o meu melhor amigo" - claro, deve-se ver o "amigo" sob a perspectiva do inimigo.

O objetivo dessa exposição é mostrar a visão marxiana acerca da natureza do Estado capitalista e de suas transformações. Tendo como pano de fundo uma análise geopolítica do mundo e as recentes transformações na América Latina. Como sabemos, não há uma obra específica de Marx que se atenha a esse tema. As análises marxianas sobre o Estado estão dispersas em diversos textos ao longo de toda sua produção.

A teoria marxista da política implica, portanto numa rejeição categórica de uma determinada concepção segundo a qual o Estado seria o agente da "sociedade como um todo" e do "interesse nacional".

Assim, contra toda uma tradição do pensamento político burguês, os marxistas,

"vêm claramente que o que precisa ser examinado é a relação do Estado com a sociedade burguesa, e propõem-se examinar a fundo essa relação. Estão assim corrigindo uma grande falha da teoria tradicional do século XX [tanto a "liberal", quanto a "pluralista"], que aceitou a sociedade burguesa, mas não examinou as implicações dessa aceitação. Uma característica dessa tradição, se considerar o período que vai do século XVII ao início do século XX, é o fato de ter trocado uma visão materialista do homem e da sociedade por uma visão idealista. Não se pode dizer que seja essa a causa da sombra da tradição geral no século XX: afinal, a teoria do Estado de Hegel é bem mais profunda do que a de Locke ou a de Bentham, pois Hegel sabia que estava falando do Estado na sociedade burguesa. Mas pode-se dizer que, posteriormente, os idealistas foram afastando-se cada vez mais dessa visão e que menosprezaram, ou praticamente descartaram, ou então não souberam lidar com o fato de que era o Estado burguês, ou o Estado na sociedade burguesa, que merecia atenção. [...] Em todo caso, os teóricos tradicionais do século XX não deram muita atenção à natureza específica do Estado na sociedade capitalista." (Marx: 1988-2, p. 87)

Objetivamente, o Estado é, também, uma *organização burocrática*, constituída de um conjunto de instituições e organismos, ramos e sub-ramos, com suas respectivas burocracias, destinado a cumprir a tarefa (*da dominação*) através do jogo institucional de seus aparelhos. A questão decisiva é saber precisamente *como*, em condições historicamente dadas, o Estado desempenha a função de reprodutor das relações (econômicas e políticas) de classe. Para Gramsci Estado é uma fusão da Sociedade Civil e da Sociedade Política, e a política seria a arte do possível. Para entender esse processo complexo de combinações, ele formulou a categoria de Bloco Histórico.

A construção do Estado Burguês

"O capital é trabalho morto, o qual, como um vampiro, vive apenas para sugar o trabalho vivo, e quanto mais sobreviver, mais trabalho sugará". (Marx: 1998-2, p.123)

Um primeiro conjunto de observações sobre o Estado se encontra nos textos iniciais de Marx, abrangendo um período que vai da "*Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*" em 1842 até o "*Manifesto Comunista*" de 1848, passando pela "*Questão Judaica*" e pela "*Ideologia Alemã*". A característica destes textos é essencialmente polêmica, formulado contra a filosofia de Hegel e seus herdeiros. Marx refuta a suposta identidade entre Estado e sociedade civil contida na filosofia hegeliana, procurando assinalar a oposição entre a esfera política e a vida civil no mundo moderno. Na "*Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*" Marx observa que a oposição entre Estado e Sociedade Civil pressupõe a propriedade

privada. O significado e a raiz dessa oposição devem ser buscados na relação entre Estado e propriedade privada.

O Capitalismo com sua divisão social do trabalho, ao separar os homens em proprietários e não proprietários dão aos primeiros poder sobre os segundos. Estes são explorados economicamente e dominados politicamente. Estamos diante de classes sociais e da dominação de uma classe por outra. Ora, a classe que explora economicamente só poderá manter seus privilégios se dominar politicamente e, portanto, se dispuser de instrumentos para essa dominação. Esses instrumentos são dois: o Estado e os valores culturais (ideologia).

Através do Estado, a classe dominante monta um aparelho (*Althusser*) de coerção e de repressão social que lhe permite exercer o poder sobre toda a sociedade, fazendo-a submeter-se às regras políticas.

“O grande instrumento do Estado é o Direito, isto é, o estabelecimento das leis que regulam as relações sociais em proveito dos dominantes. Através do Direito, o Estado aparece como legal, ou seja, como “Estado de direito”. O papel do Direito ou das leis é o de fazer com que a dominação não seja tida como uma violência, mas como legal, e por ser legal e não violenta deve ser aceita. A lei é direito para o dominante e dever para o dominado. Ora, se o Estado e o Direito fossem percebidos nessa sua realidade real, isto é, como instrumentos para o exercício consentido da violência, evidentemente ambos não seriam respeitados e os dominados se revoltariam. A função da ideologia consiste em impedir essa revolta fazendo com que o legal apareça para os homens como legítimo, isto é, como justo e bom. Assim, a ideologia substitui a realidade do Estado pela idéia do Estado - ou seja, a dominação de uma classe é substituída pela idéia de interesse geral encarnado pelo Estado. E substitui a realidade do Direito pela idéia do Direito - ou seja, a dominação de uma classe por meio das leis é substituída pela representação ou idéias dessas leis como legítimas, justas, boas e válidas para todos.” (Chauí: 1980, p. 90-92)

Marx Vive

“A natureza não nos revelou todas as coisas, de início; mas no curso do tempo, através da procura, podemos aprender, e conhecer melhor as coisas...”

(Xenófanes: 1996, p. 71,)

O marxismo hoje é marcado por um paradoxo. A influência do pensamento de Karl Marx sobre a realidade social atual parece mais forte do que nunca. Mas, ao mesmo tempo, nunca se discursou sobre a "*crise do marxismo*", seja sobre o seu "*declínio irreversível*" e sobre seu fim. O marxismo é a unidade de dois movimentos, um teórico, outro prático não desencorajar a classe operária. Ele perseguiu esta atividade científica, nomeadamente por que ele estava convencido que só a verdade era revolucionária, que nenhuma luta proletária atingiria seu objetivo - a construção de uma sociedade sem classes em escala mundial - se ela não fosse constantemente posta a prova pelos resultados de uma análise rigorosa da realidade e da sua evolução. O marxismo tem uma dimensão emancipadora não menos rigorosa e exigente. Até Karl Marx, a filosofia se contentou a interpretar o mundo. Para Marx, se tratava de transformar a sociedade, e isso com um objetivo preciso; acabar, pela ação revolucionária, todas as condições sociais que fazem do ser humano um ser escravo, miserável, mutilado, oprimido, explorado, alienado; criar uma sociedade na qual o livre desenvolvimento de cada indivíduo se torne a condição do desenvolvimento livre de todos.

Os dois objetivos do marxismo, a explicação científica e a interpretação da realidade social em sua totalidade e a realização do projeto emancipador, ou seja, depois de desvendar e conhecer a realidade social a tarefa é a transformação da realidade social! Esses objetivos são de uma audácia tal, que a principal desqualificação de suas idéias, que são proferidas desde o século XIX, e repetidas ainda nos dias de hoje, é de ter sido o último dos utopistas; de um projeto vasto que não vai se realizar. Os ideólogos burgueses de plantão propagam a idéia que o Marxismo é uma religião, recheada de dogmas! E que Marx fundou uma "*religião do homem*" - o que é totalmente falso, visto que o caráter fundamentalmente crítico de sua teoria se fundamenta justamente na negação, de uma permanente autocrítica! - Cujas categoria fundamental é a ***síntese das múltiplas determinações***, que é justamente uma visão plural, não excludente da realidade.

De todas as análises e projeções de Marx formulou, é sem dúvida esta última que é a mais impressionante.

Quando o Manifesto Comunista, foi publicado no pós Guerra em 1948, não havia no mundo inteiro mais que 100 mil sindicalizados e 10 mil socialistas com, no máximo, algumas centenas de comunistas, e isso, apenas em meia dúzia de países. Hoje, não há um país no mundo, nem a menor ilha do mundo, nem o canto mais recuado da floresta

Amazônica aonde o capitalismo chegou, impulsionado pela sua tendência expansionista irresistível, em que não tenham surgido sindicatos. Que se reagrupem, em escala mundial, centenas de milhões de trabalhadores, e cujo desenvolvimento é acompanhado da formação de partidos que se proclamam socialistas, que contem dezenas de milhões de simpatizantes e de eleitores. Os comunistas se contam por centenas de milhares, de milhões, que reivindicam a doutrina de Marx.

Disso testemunham também os primeiros triunfos de revoluções socialistas, sobretudo inspiradas no Marxismo/Leninismo, desde a revolução de outubro na Rússia até as revoluções na China, em Cuba e do sudeste asiático. Tudo isso faz parte da realidade mundial, mesmo que não se trata de conquistas definitivamente garantidas enquanto subsistir o capitalismo internacional. Podemos afirmar que sem Marx e Engels, o mundo hoje teria sido bem diferente e muito mais desigual do que ele é.

E nessa realidade de construção e contradições, mais que em qualquer outra parte, se encontra a fonte da *"crise do marxismo"* sobre a qual os detratores têm se apoiado nos últimos tempos.

Não se trata de uma crise do marxismo, mas de uma crise da práxis do movimento social burocratizado, e cooptado e seduzido pela vida burguesa, crise das sociedades pós-industrializadas. Essas crises são, aliás, causadas justamente pelo abandono cada vez maior da doutrina marxista pelos dirigentes desses movimentos, o que confirma que Marx não tem nada a ver com esses processos.

As grandes tragédias do século XX não foram protagonizadas pelo marxismo, foram proezas do Capital, fazem parte da dinâmica do capital, que necessita de crises gerais para se reinventar. Elas não se explicam como resultantes da lutas de classe entre centenas de milhões de seres, de conflitos de interesses materiais das grandes elites dirigentes ou de frações de classe. Elas são resultados única e exclusivamente do sistema capitalista que se alimentam das Crises Gerais, como estratégia para a concentração do capital, para aquisição de concorrentes ingênuos, na chamada *"bacia das almas"*, ou seja, fazem aquisições e incorporações a preços altamente depreciados, eliminando concorrentes e fortalecendo suas posições e lucros através da ampliação do monopólio. Nos dias de Marx, a religião era o ópio das massas. Hoje são os meios de comunicação. Basta ver a produção da informação da mídia de aluguel, que facilita a capacidade da oligarquia financeira de iludir o povo.

Ao escrever no final de 1843 *A Propósito da Questão Judaica*, Marx hegeliano considerava necessária a superação de todas as especificidades culturais que impediam a

inserção numa sociedade global emancipada. “Só quando o homem real e individual tiver restaurado no seu próprio ser. O cidadão abstrato enquanto homem individual, se tornar um *ser genérico* na sua existência empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais - só quando o homem tiver reconhecido e organizado as suas *forças próprias* como *forças sociais* e, conseqüentemente, não separar mais de si a força social sob a forma da força *política* - somente então a emancipação humana estará consumada”.

Marx concebeu inicialmente a alienação como separação entre o indivíduo e a sociedade global, mas a ruptura com o hegelianismo levou-o a apresentar a alienação como um corte no interior da sociedade e a pensá-la em termos de classes sociais.

Nos meados do século 19, Marx escreveu que a sociedade organizada desenvolveria, pelo menos, três características novas:

a) seria compelida a aumentar incessantemente a massa de mercadorias, seja pelo aumento da capacidade de produzi-las, seja pela transformação de mais bens, materiais ou simbólicos, em mercadoria; no limite, tudo seria transformado em mercadoria;

b) seria compelida a ampliar o espaço geográfico inserido nesse circuito, de modo que mais riquezas e mais populações dele participassem; no limite, esse espaço seria todo o planeta;

c) seria compelida a criar permanentemente novos bens e novas necessidades; como as “necessidades do estômago” são limitadas, esses novos bens e novas necessidades, criados para dar sustentação a uma acumulação ilimitada de riqueza abstrata, seriam, cada vez mais, bens e necessidades voltados para a fantasia, que também é ilimitada.

Essa nova sociedade se desdobraria em três direções fundamentais: promoveria uma revolução técnica incessante (voltada para expandir o espaço e contrair o tempo da acumulação), realizaria uma profunda revolução cultural (para fazer surgir o homem portador daquelas novas necessidades em expansão) e formaria o sistema-mundo (para incluir o máximo de populações no processo mercantil).

Marx não pretendeu fazer uma análise acabada e definitiva do capitalismo, pois sabia que não poderia “engessar” a História; era consciente do dinamismo capitalista, mas não tinha como adiantar-se ao seu momento histórico, prevendo e analisando o imperialismo e a globalização, por exemplo, e nem atinar com a predominância dos serviços, espetáculos, comunicações e fluxos financeiros em detrimento da produção industrial. Não poderia imaginar que novas categoria teóricas deveriam ser elaboradas para dar conta da realidade que se modificaria progressivamente: capital fictício, empresa virtual, terceirização,

capitalismo de Estado, trabalho imaterial, trabalho simbólico. Sua análise, portanto, foi sincrônica, enquanto que seus métodos de análises têm aplicação diacrônica.

Essa é a tarefa (ampliar e atualizar sua obra) que se impuseram outros pensadores marxistas que o foram sucedendo no tempo, os quais, utilizando o materialismo histórico e a dialética materialista formulados por Marx, empreenderam a análise do capitalismo imperialista (HILFERDING, 1910), capitalismo monopolista (SWEEZY, 1942), “capitalismo tardio” (MANDEL, 1975), até o capitalismo dos fluxos financeiros transnacionais “on line” e do mercado globalizado (ARRIGHI, 1996 - NEGRI & HARDT, 2000) e o “capitalismo por espoliação” (HARVEY, 2003).

Temos claro, portanto, que “O Capital” e os métodos marxistas de análise e estudo das formas capitalistas são dinâmicos e elucidativos, devendo ser aplicados inclusive ao nosso tempo para entendermos o que se passa, para formularmos o entendimento a partir do ponto de vista do trabalho e da propriedade social. Enquanto existir o modo capitalista de produção, não importa sob que roupagem, o estudo e aplicação da obra marxiana será atual e importante.

Por que é importante ler Marx hoje?

Talvez este seja o momento correto para retornar ao estudo dos “Grundrisse”, menos constrangidos pelas considerações temporais das políticas de esquerda os “Grundrisse” trazem análise e compreensão, por exemplo, da tecnologia, o que leva o tratamento de Marx do capitalismo para além do século XIX, para a era de uma sociedade onde a produção não requer já mão-de-obra massiva, para a era da automatização, do potencial de tempo livre e das transformações do fenômeno da alienação sob tais circunstâncias. Em poucas palavras, esse texto tem sido descrito corretamente como o pensamento de Marx em toda sua riqueza. Uma releitura ou leitura deles hoje pode ajudar-nos a repensar a contribuição marxiana; a distinguir o geral na análise do capitalismo de Marx daquilo que foi específico da situação da sociedade burguesa na metade do século XIX.

Para qualquer interessado nas idéias, seja um estudante universitário ou não, Marx é e permanecerá sendo uma das grandes mentes filosóficas, um dos grandes analistas econômicos do século XIX e, em sua máxima expressão, um mestre de uma prosa apaixonada. Também é importante porque o mundo no qual vivemos hoje não pode ser entendido sem levar em conta a influência que os escritos de MARX tiveram sobre o século XX. E, finalmente, deveria ser lido porque, como ele mesmo escreveu o mundo não pode ser transformado de maneira efetiva se não for entendido. Marx permanece sendo um soberbo pensador para a compreensão do mundo e dos problemas que devemos enfrentar. (HOBSBAWM: 2008, p. 4)

Geopolítica Latino-americana

“O objeto de estudo científico jamais é a totalidade de todos os fenômenos observáveis num dado momento e num dado lugar, mas sempre e somente alguns de seus aspectos abstratos.”

(Kosik: 1976, p.40)

Hoje América Latina é considerada a maior alternativa de resistência ao modelo capitalista neoliberal que se disseminou pelo planeta.

Influência internacional na conjuntura local tem sido desconsiderada nos últimos tempos no processo de resistência latino-americana na busca de um modelo próprio de desenvolvimento e integração regional, isso é importante para que se consolide sua continuidade, e que o modelo seja aperfeiçoado.

O destino da América Latina, de alguma maneira, está sendo jogado no Brasil, segundo a análise de importantes intelectuais latinos americanos, o fim o mundo “bipolar” nos anos 1990 significou uma pseudo-vitória do campo capitalista neoliberal e provocou regressões nas ações e no discurso no campo da esquerda.

Os dez anos que se seguiram foram marcados pela ofensiva da classe dominante, que aproveitou para tentar enfraquecer os movimentos de trabalhadores, eliminar ou reduzir os direitos trabalhistas, ampliar seus lucros com novas formas de exploração ou com a privatização de empresas estatais, etc. Foi um período onde o neoliberalismo se desenvolveu plenamente. Surgem os Tratados de Livre Comércio (TLC), onde o Imperialismo estadunidense procurou impor suas regras através de “acordos” como o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA). Também a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), cujo objetivo era obter a assinatura de 34 países do continente (todos, menos Cuba) para algo que poderia se transformar numa União Americana, nos moldes da Européia.

As mobilizações políticas e sociais contra o neoliberalismo têm a gênese na articulação do movimento antiglobalização localiza-se em 1996, em Chiapas, durante o Primeiro Encontro Internacional pela Humanidade e contra o Neoliberalismo, organizado pelos zapatistas. Em 1997 a *Global Trade Watch* empreendeu uma campanha nos Estados Unidos contra a Organização para Comércio e Desenvolvimento Econômico (OCDE), e na

Europa foi realizada a Marcha Européia contra o Desemprego, com o apoio de sindicatos e organizações de direitos humanos. Em maio de 1998 ocorreram às primeiras mobilizações antiglobalização na Europa, em Genebra, convocadas pela Ação Mundial dos Povos, durante a Segunda Conferência Ministerial da OMC contra o Acordo Multilateral de Investimentos (AMI) e a ALCA ganham força com os protestos antiglobalização.

As manifestações contra o encontro da OMC em Seattle, também conhecidas como batalha de Seattle ou N-30, foram manifestações ocorridas em 30 de novembro de 1999 contra a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC), em que cerca de 100 mil pessoas – entre as quais ecologistas, anarquistas, trabalhadores sindicalizados, estudantes, pacifistas e humanistas – mobilizaram-se por vários dias. E declararam não terem tido auxílio de qualquer esfera partidária de representação, nas ruas de Seattle até a queda da chamada "Rodada do Milênio".

Em dezembro de 2000 o protesto se deslocou para Nice, na França, na conferência de cúpula da União Européia. Ainda em 2000, o movimento teve uma primeira vitória: anunciou-se um esquema para o perdão da dívida de 23 países paupérrimos, denominados como HIPC's - Países Pobres Altamente Endividados. O ano de 2001 demarca um novo ciclo no movimento antiglobalização. O movimento ganhou força política. No mês de janeiro ocorreu o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. Planejado para contrapor-se ao fórum de Davos, o FSM priorizou o social e não o econômico. O debate extra-oficial ocorrido entre George Soros e representantes do FSM deu visibilidade internacional aos que protestavam e propunham que "Um outro mundo é possível".

E foram reforçados com a eleição do Lula em 2002 no Brasil e Hugo Chávez na Venezuela. Palco de intensas lutas sociais desde 1989 podemos dizer que a eleição de Chávez e Lula é resultado desse amplo movimento de massas que, mesmo com limites e contradições, conseguiu barrar o avanço das forças anti-populares e anti-democráticas que usavam a riqueza das nações para garantir privilégios enquanto as massas populares viviam numa situação de mais absoluta pobreza.

O nascimento da ALBA

Em 2004, exatamente dez anos depois do primeiro encontro político entre Fidel Castro e Hugo Chávez, surgia timidamente a Alternativa Bolivariana para os Povos da América (ALBA). O surgimento da ALBA é fruto da própria necessidade dos movimentos da classe trabalhadora do continente de apresentar uma verdadeira alternativa econômica,

política, social e cultural, um programa de transição de caráter popular, democrático, que vai adquirindo com seu desenvolvimento um conteúdo cada vez mais anti-imperialista/anti-capitalista.

Tendo como principais articuladores os governos de Cuba e Venezuela, visto como instrumento de outra integração, não-neoliberal, vai surpreendendo os mais pessimistas, que não acreditavam na sua possibilidade de êxito. Com as eleições de inúmeros governos populares no campo das esquerdas, progressistas, democráticos, e com a mobilização e as lutas da classe trabalhadora e das massas populares, vão sendo construídas condições mais favoráveis para o fortalecimento dessa iniciativa.

Com a derrota dos republicanos em 2008 nos EUA, e a chegada de Barack Obama ao poder, associado à bancarrota da crise capitalista, enterrou de vez a ALCA, e a falência do neoliberalismo alavancou os princípios que norteiam a construção da ALBA.

A criação de acordos de cooperação econômica, política e social com países que não são membros da ALBA, como no caso do Brasil, Argentina, Uruguai, Haiti, Paraguai - cujo presidente Fernando Lugo chamou a ALBA de “uma iniciativa fundamental para se construir uma nova América Latina” -. Com muito maior destaque, o Equador, que com as vitórias eleitorais do presidente Rafael Correa só tende a aprofundar ainda mais sua integração a este bloco de países já chamado de “bolivarianos”. (BUZETTO: 2009)

Sem esquecer El Salvador, onde recentemente foi eleito o presidente Mauricio Tunes, da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), partido que têm ótimas relações com o bloco da ALBA, além de Daniel Ortega na Nicarágua.

Essa geopolítica latino-americana está se materializando, e as expressões desse processo são a ALBA e a União das Nações Sul-americanas (UNASUL) que tem um pé nos movimentos sociais e na herança das lutas de resistência dos anos 90, que resultaram em diversas iniciativas continentais, tais como Coordenadora Latino-Americana de Organizações do Campo (CLOC), Via Campesina, Aliança Social Continental, Campanha Jubileu Sul, Grito dos Excluídos Continental, Campanha de Resistência Negra, Indígena e Popular nos 500 anos, Campanha Continental Contra a ALCA, etc.

Mas que também tem um pé nas iniciativas de governos que, em conjunto com movimentos sociais ou através de acordos entre países, levam até o território nacional projetos econômicos, sociais e culturais que estão dentro dos princípios dessa nova perspectiva de integração dos povos. Como a Escola Latino-Americana de Ciências Médicas (ELAM), a Operação Milagros (cirurgias para devolver a visão para os mais pobres), o

Projeto de Alfabetização “Yo si puedo”, a Telesul, a Petrocaribe, o Banco do Sul, a criação de uma moeda (“Sucre”) para circular entre os países da ALBA, etc. (BUZETTO: 2009)

Todas são iniciativas que ultrapassam as fronteiras dos países membros da ALBA, pois são projetos que estão se desenvolvendo na atualidade também em países que, por algum motivo, optaram ainda pela integração.

Referências

- ANDERSON, P. *Considerações sobre o Marxismo Ocidental/ Nas trilhas do Materialismo Histórico*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004
- _____. *Balanco do Neoliberalismo*. In: SADER, E. & GENTILE, P. (org.). Pós-neoliberalismo I: As políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. P. 09-23.
- BERMAN, M. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BUZETTO, M. *A ALBA e a nova geopolítica da América Latina*. São Paulo: Revista Sem Terra N. 50, Junho/Julho de 2009.
- CHAUÍ, M. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- CROCETTI, Z. S. *Geografia do Neoliberalismo*. Anais do 1º ENSULGEO. Curitiba: AGB/Curitiba, 2003.
- _____. *Globalização, tecnologia, neoliberalismo e poder*. Curitiba: Revista Paranaense de Geografia n.º 02, p. 31-39. Editora: Letra das Artes, 1997.
- DOBB, M. *A Evolução do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 9ª edição.
- HARDT, M. e NEGRI, A. *Império*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- HARVEY, D. *O Novo Imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HOBSBAWM, E. *A crise do capitalismo e a importância atual de Marx*. São Paulo: Carta Maior, 29/09/2008.
- _____. *A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- _____. *A Era do Império: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- _____. *A Era do Capital: 1848-1874*. São Paulo: Paz & Terra, 1975.
- KOSIK, K. *Dialética do concreto*. São Paulo: Paz & Terra, 1976.
- MAMIGONIAN, A. *Marxismo e “Globalização”*: As origens da Internacionalização Mundial. In: SOUZA, Álvaro José de et. al. (org.). *Milton Santos Cidadania e Globalização*. Bauru: Saraiva, 2000. P. 95-100.
- MARX, K. *O Capital*, Volume I. São Paulo: Nova Cultural, 1988-1, 3ª edição.
- _____. *O Capital*, Volume II. São Paulo: Nova Cultural, 1988-2, 3ª edição.
- _____. *O Capital*, Volume III. São Paulo: Nova Cultural, 1988-3, 3ª edição.
- MÉSZÁROS, I. *O século XXI: Socialismo ou barbárie*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- Pré-Socráticos. *Xenófanes*, São Paulo: Nova cultural, p. 71, 1996.
- RANGEL, I. M. *A História da Dualidade Brasileira*. Revista de Economia Política, São Paulo, 1(4):5-34, jan.-mar., 1981.
- _____. *As Crises Gerais*. Revista de Economia Política, vol. 12, nº. 2 (46), abril junho/1992.

- RAFFESTIN, C.. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo, Editora Ática, 1993, 269p.
- SANTOS, M. *Economia Espacial*. São Paulo: Edusp, 2003. 2ª edição.
- SAID, E. W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Cia. Das letras, 1999.
- SCHUMPETER, J. A. *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- SWEEZY, P. M. *Teoria do Desenvolvimento Capitalista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 6ª edição.
- _____ *Do Feudalismo ao Capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- WALLERSTEIN, I. *Capitalismo Histórico e Civilização Capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.